

Dionatan Miranda da Silva  
Doutorando em Geografia  
dionatanms@hotmail.com

Edvaldo Cesar Moretti  
Doutor em Geografia  
edvaldomoretti@ufgd.edu.br

Luciano Duarte  
Doutor em Geografia  
lucianopsilva@ufgd.edu.br

## RESUMO

O turismo indígena é uma prática realizada dentro ou fora dos territórios indígenas, onde haja influência cultural (em algum nível) com inserção da cosmologia ancestral, com seus símbolos, usos e costumes. O artesanato é uma forma de expressão cultural indígena de extrema importância para a manutenção e resistência sociocultural e fonte de renda local. O objetivo do trabalho foi analisar a participação das artesãs Terena da Terra Indígena Cachoeirinha no município de Miranda no Mato Grosso do Sul nos circuitos espaciais turísticos e de artesanatos com a produção de cerâmica. A metodologia adotada foi centrada em levantamento bibliográfico, pesquisa de campo através de conversas com 11 artesãs e técnica analítica-reflexiva. Depois das análises foram criados o quadro do circuito espacial produtivo que demonstra como as artesãs participam deste circuito turístico, e o quadro do círculo de cooperação no espaço, no qual pode ser visualizado todos os agentes atuantes no processo. Por fim, infere-se que os conceitos de circuito espacial produtivo e de círculo de cooperação no espaço proporcionaram uma base para compreender os processos e agentes inseridos na comercialização da cerâmica Terena, fornecendo subsídios para a melhor compreensão do uso do território e da dimensão do trabalho na comunidade analisada.

**Palavras-chave:** Terena; Artesanato; Cachoeirinha; circuito espacial produtivo; círculo de cooperação no espaço.

## ABSTRACT

Indigenous tourism is a practice carried out inside or outside indigenous territories, where there is cultural influence (at some level) with the insertion of ancestral cosmology, with its symbols, uses and customs. Handicrafts are an extremely important form of indigenous cultural expression for socio-cultural maintenance and resistance, as well as a source of local income. The aim of this study was to analyze the participation of Terena craftswomen of the Cachoeirinha Indigenous Territory in the municipality of Miranda in the state of Mato Grosso do Sul in the tourist and handicraft circuits through the production of ceramics. The methodology adopted was centered on a bibliographical survey, field research through conversations with 11 craftswomen and an analytical-reflexive technique. After the analysis, a picture of the productive spatial circuit was created, which shows how the craftswomen participate in this tourist circuit, and a picture of the circle of cooperation in space, in which all the agents involved in the process can be seen. Finally, it can be inferred that the concepts



of the spatial production circuit and the circle of cooperation in space provided a basis for understanding the processes and agents involved in the marketing of Terena ceramics, providing support for a better understanding of the use of the territory and the dimension of work in the community analyzed.

**Keywords:** Terena; Handicraft; Cachoeirinha; productive spatial circuit; circle of cooperation in space.

## RESUMEN

El turismo indígena es una práctica realizada dentro o fuera de los territorios indígenas, donde hay influencia cultural (en algún nivel) con la inserción de la cosmología ancestral, con sus símbolos, usos y costumbres. La artesanía es una forma de expresión cultural indígena de gran importancia para el mantenimiento y la resistencia sociocultural, así como una fuente de ingresos locales. El objetivo de este estudio fue analizar la participación de las artesanas Terena de la Tierra Indígena Cachoeirinha del municipio de Miranda, en el estado de Mato Grosso do Sul, en los circuitos turísticos y artesanales a través de la producción de cerámica. La metodología adoptada se centró en un estudio bibliográfico, una investigación de campo mediante conversaciones con 11 artesanas y una técnica analítico-reflexiva. Después de los análisis, se creó una imagen del circuito espacial productivo, que muestra cómo las artesanas participan en este circuito turístico, y una imagen del círculo de cooperación en el espacio, en el que se pueden ver todos los agentes implicados en el proceso. Finalmente, se puede inferir que los conceptos de circuito espacial productivo y círculo de cooperación en el espacio han proporcionado una base para la comprensión de los procesos y agentes implicados en la comercialización de la cerámica de Terena, dando soporte a una mejor comprensión del uso del territorio y de la dimensión del trabajo en la comunidad analizada.

**Palabras clave:** Terena; Artesanía; Cachoeirinha; circuito espacial productivo; círculo de cooperación en el espacio.

## 1.INTRODUÇÃO

O turismo em seu conceito global, regulado pelo mercado, é uma atividade econômica que tem por objetivo gerar renda e desenvolvimento econômico para a localidade onde está inserido. Porém, ainda que essa atividade econômica seja uma das principais em desenvolvimento no século XXI, ela deve ser analisada em sua complexidade, visto que sua inserção na realidade socioespacial se dá sempre a partir de relações desiguais e potencialmente excludentes (MORETTI, 2007).

Nas últimas três décadas, tem-se observado uma mudança no pensamento a respeito da atividade por meio das pesquisas e estudos realizados, onde se entende o turismo como um fenômeno social, multifacetado e dinâmico, que não podem ser desvinculadas das dimensões sociais, ambientais, políticas, econômicas e culturais que influenciam e são influenciados pelos visitantes e a comunidade local onde o fenômeno ocorre (LIMA; IRVING; OLIVEIRA, 2022).

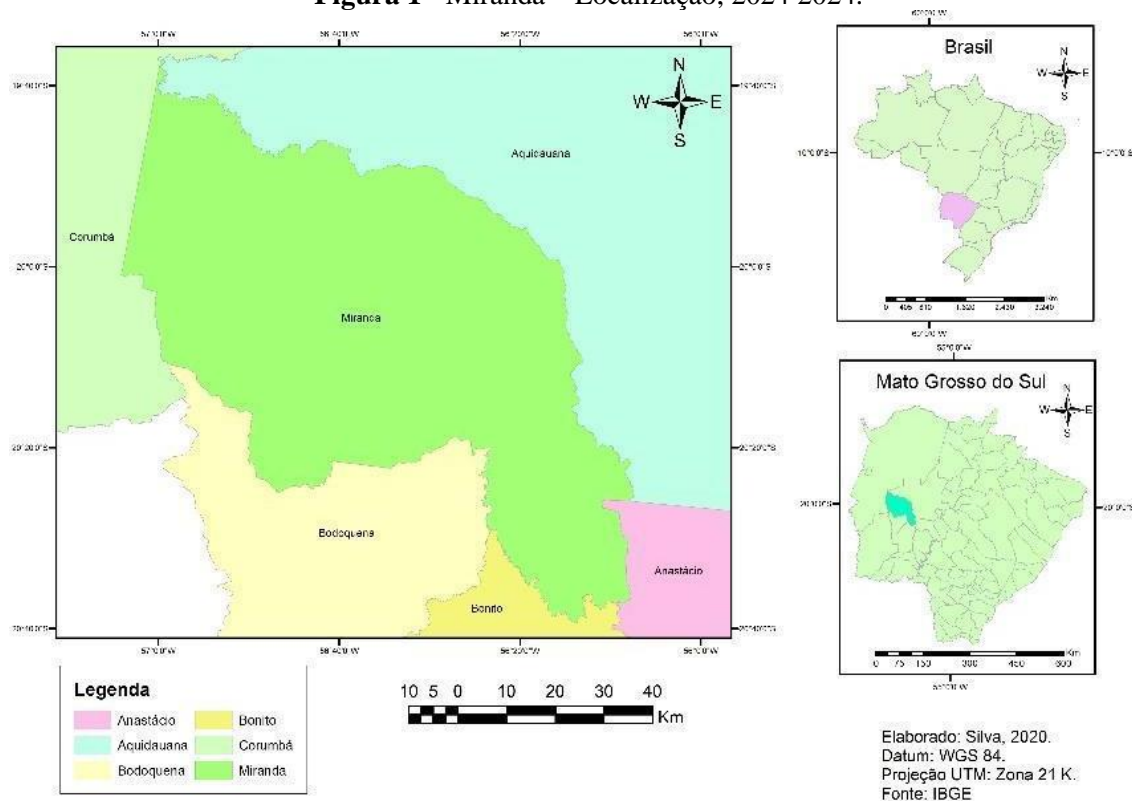
O turismo se apresenta de várias formas ou tipos, como o turismo rural, ecoturismo, turismo de experiência, turismo de aventura, etnoturismo, turismo indígena, entre outros, que estão ligados ao objetivo do turista e do local a ser visitado. Mas, em todos estes tipos é indiscutível que se tenha como possibilidade a presença de atividades de produção de artesanato de modo associado ao turismo.

O artigo pretende analisar a participação de populações indígenas nos circuitos espaciais turísticos e de artesanatos com a produção de cerâmica pela etnia Terena, especificamente no município de Miranda que está localizado no estado de Mato Grosso do Sul (Figura 1). De acordo com o Programa de Regionalização do Turismo, a referida municipalidade pertence a Região



Turística do Pantanal. Este, possui 25.536 habitantes, dentre estes, 8.866 são indígenas, mais especificamente das etnias Terena (maioria) e Kinikinau, apresentando a 5ª maior população indígena do Estado (IBGE, 2022).

**Figura 1 - Miranda – Localização, 2024 2024.**

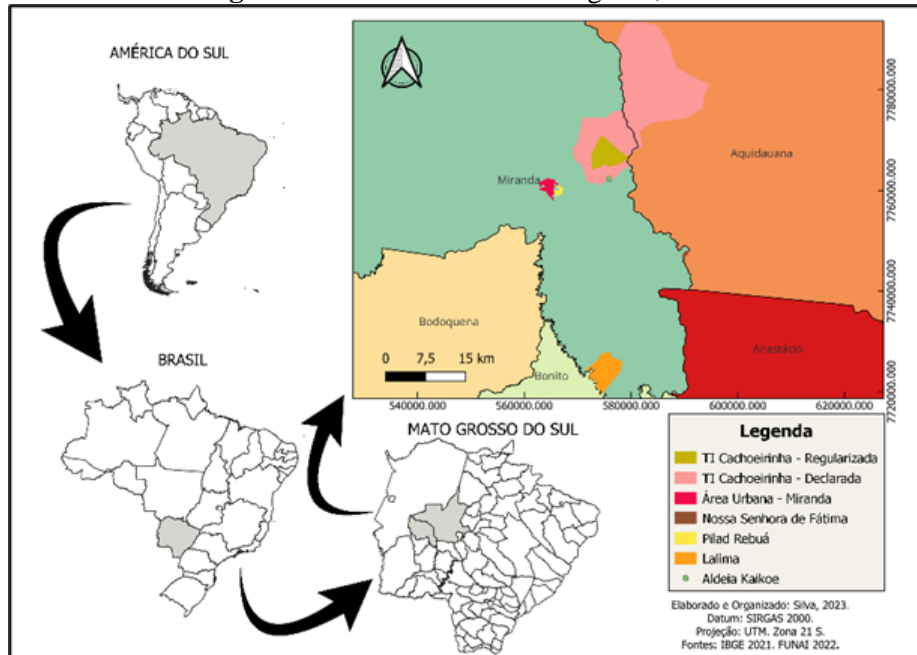


Fonte: Da Silva e Leite, 2021.

As comunidades indígenas estão distribuídas em três Terras Indígenas (TI): Cachoeirinha, Pilad Rebuá e Lalima; uma Reserva Indígena: Nossa Senhora de Fátima e três comunidades não homologadas: Comunidade São Miguel, Aldeia Kaikôe e Comunidade Boa Esperança (Figura 2), além dos que vivem fora destes territórios.



**Figura 2 - Miranda - Terras Indígenas, 2024.**

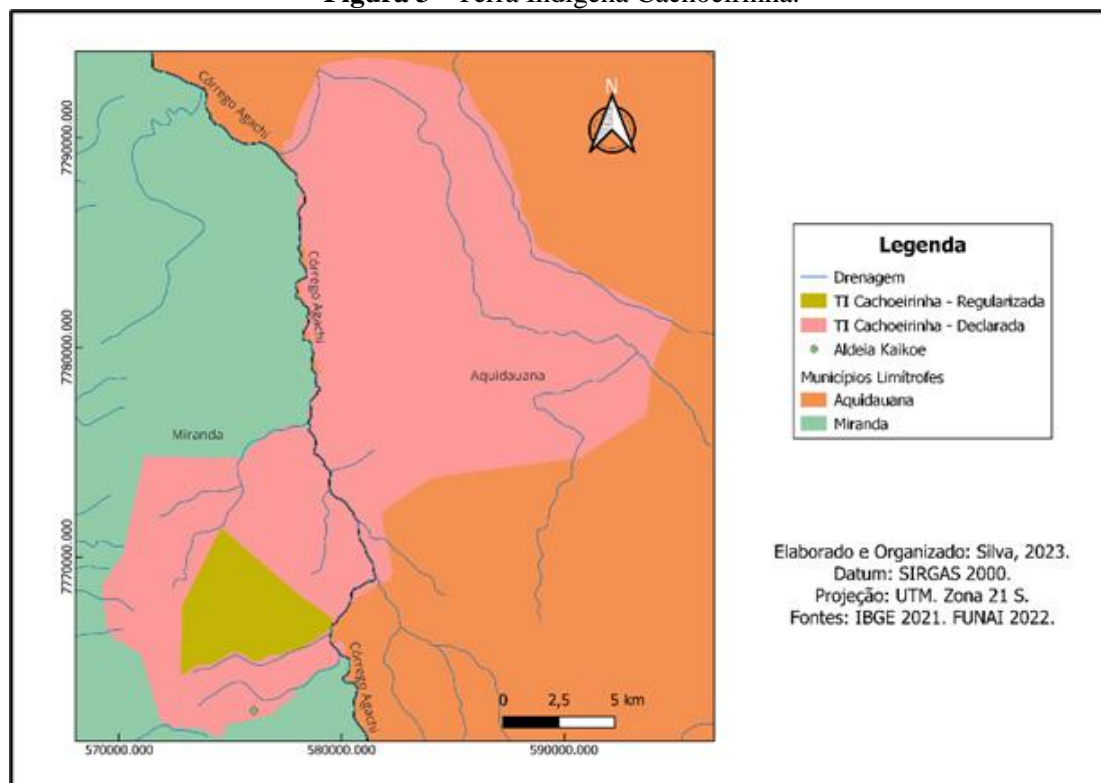


Fonte: Autores, 2024.

A Terra Indígena Cachoeirinha (Figura 3) apresenta 2 (dois) territórios, um declarado (cor de rosa) que tem pouco mais de 33 mil hectares, e outro homologado (verde) com pouco mais de 2 mil hectares, sendo este último o objeto de pesquisa deste trabalho, pois é a área com maior densidade populacional e onde se encontram as artesãs ceramistas. Essa região está inserida no Bioma Pantanal do município Miranda-MS, é formada por 6 aldeias (Argola, Babaçu, Cachoeirinha, Lagoinha, Morrinho e Mãe-Terra), em sua maioria da etnia Terena, mas também há indígenas da etnia Kinikinai, algumas aldeias se sobressaem sobre outras em sua produção artesanal da cerâmica, como é o caso da aldeia Cachoeirinha, Mãe-Terra e Babaçu.



**Figura 3 - Terra Indígena Cachoeirinha.**



Fonte: Autores, 2024.

A TI Cachoeirinha, segundo Godoy (2001), na virada do século XX para XXI era uma das que mais produzia cerâmica na região, e como afirma Chaves, Alves e Matias (2019) é o maior polo de produção de cerâmica Terena no Mato Grosso do Sul, e sua venda é principalmente para turistas.

Assim como a dança e a gastronomia, que fazem parte da cosmologia Terena, com o artesanato não é diferente, e como este é um dos diferenciais da comunidade local, pretende-se analisar este tema a partir dos conceitos de espaço, território usado, circuito espacial produtivo e círculos de cooperação no espaço, refletindo a cerâmica Terena neste contexto neocolonial capitalista globalizado.

Para isso, o trabalho foi organizado em três tópicos além desta introdução, iniciando com uma breve apresentação dos principais conceitos operacionalizados na pesquisa, sobre a temática central, seguido do tópico com os apontamentos metodológicos empregados; no 4º tópico, com os resultados e discussão intitulado “Constituição do circuito espacial produtivo e dos círculos de cooperação no espaço das cerâmicas terena”, no qual é feita uma análise da cerâmica Terena desde sua produção até a comercialização, destacando as diferenças da ancestralidade e das modificações que o mercado e a globalização embuti nos trabalhos realizados. Nas considerações finais, é destacado os principais pontos da discussão da pesquisa e as dificuldades existentes e sugestões para próximas pesquisas referentes a este tema.



## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Revisão conceitual da abordagem teórica

A análise aqui proposta parte da leitura de Milton Santos (1983, p. 15 *apud* MORAES, 2017, p. 25) ao que afirmar que “a globalização da sociedade e da economia gera a mundialização do espaço geográfico, carregando-o de novo significado”, e que conforme o próprio Moraes (2017) complementa, que estes novos significados apresentam um novo conjunto de contradições.

Para melhor compreender essa afirmativa segundo o recorte empírico estabelecido na presente pesquisa, tratar-se-á o espaço geográfico, especificamente no lugar onde ocorre a produção do artesanato, como sinônimo de “território usado”, como ensina Milton Santos (2005). Um espaço que é usado por todas as empresas, governos, populações e sujeitos que animam este território (SANTOS, 2005; MONTEIRO JUNIOR *et al.*, 2022), o que claramente faz emergir múltiplas formas de relações econômicas e políticas entre esses agentes, ora de cooperação ora de conflito, mas sempre contraditórias.

Ainda segundo Milton Santos (2005), o território usado se dá pela dinâmica dos lugares, sendo que o lugar é para ele como o espaço do acontecer solidário. A partir da análise dessas solidariedades geográficas, sejam elas mais orgânicas e ligadas à vida cotidiana do lugar, sejam elas mais organizacionais e voltadas às dinâmicas globais, pode-se reconhecer os diversos usos do território que compartilham o mesmo espaço e que geram valores de múltiplas naturezas, tais como culturais, econômicas, antropológicas, sociais, financeiras etc.

O território usado, desse modo, não é uma realidade estática, ele é um “híbrido de materialidade e de vida social” (SILVEIRA, 2009, p. 129) em constante metamorfose, nesse sentido, novamente como sinônimo de espaço geográfico, ele pode ser definido como um conjunto de sistemas de objetos e sistemas de ações, que são indissociáveis, solidários e contraditórios, arraigado de intencionalidades (SANTOS, 1996; SILVEIRA, 2009). Este dinamismo é variável conforme as ações humanas, suas origens, forças, intencionalidades e seus conflitos, onde todos os fatores, sejam mais fortes ou mais fracos, são geradores de situações geográficas particulares (SILVEIRA, 2011).

Estas situações e contradições, que amplificadas pela globalização/modernidade, fazem com que os povos originários (subalternizados) atuem criando “estratégias e táticas espaciais multiescalares com objetivos políticos” (ZILIO, 2023, p. 25) e também econômicos. Isso contribui para o entendimento de que os indígenas Terena são atuantes a partir da sua própria organização social e cosmologia, adaptando, resistindo e reinterpretando a ação de agentes hegemônicos da política e da economia. Visto que eles são sociedades e culturas que formaram e formam parte de sistemas maiores e que, sobretudo a partir da expansão do capitalismo, acarretou e acarreta mudanças



significativas em seus ordenamentos sociais e culturais, o que não apaga os protagonismos desses povos e lugares, não os resumindo, portanto, a meras vítimas do capital (JORDÃO, 2014).

Por essa razão, a partir de uma perspectiva do etnodesenvolvimento, como trabalhado por Bonfil Batalla (1982) entre outros que assinam as Declarações de Barbados e de San José, povos originários, como os Terena, possuem o direito ao exercício da capacidade social de “construir seu futuro, em consonância com suas experiências históricas e com os recursos reais e potenciais de sua cultura, de acordo com projetos definidos segundo seus próprios valores e aspirações” (VERDUM, 2009, p. 72). Torna-se assim possível a conformação de verdadeiros arranjos produtivos socioculturais, como o identificado por Nakazato (2011) no caso do comércio indígena Terena em Campo Grande (MS). Pode-se igualmente reconhecer essas formas de organização a partir de atividades turísticas, como será tratado neste artigo, da qual também faz parte a produção artística em cerâmica. Além de nexos com as práticas turísticas, essa produção igualmente compõe redes e circuitos espaciais produtivos ainda mais amplos que escapam os territórios dessas comunidades.

Com base nesses pressupostos, pode-se reafirmar que o “território, hoje, pode ser formado de lugares contíguos e de lugares em rede [...] redes constituem uma realidade nova que, de alguma maneira, justifica a expressão verticalidade” (SANTOS, 2005, p. 256). Para compreender tanto as dinâmicas socioespaciais que constituem o cotidiano dos lugares contíguos, conformados por relações de horizontalidade, quanto as redes que constituem as verticalidades, nesta reflexão buscou-se identificar os circuitos espaciais produtivos e os círculos de cooperação no espaço do artesanato Terena, mais especificamente da sua cerâmica, e seus nexos com as atividades turísticas. A partir disso, sendo possível reconhecer a complexa trama de usos e intencionalidades que passam a condicionar a vida nesse território.

A perspectiva de análise a partir do conceito de circuitos espaciais produtivos se mostra pertinente para reconhecer um conjunto de agentes e movimentos que integram a totalidade de uma atividade econômica, mas que por muitas vezes extrapolam a circunscrição de determinados territórios, regiões e lugares. Isso porque esse conceito pressupõe o reconhecimento da “circulação de matéria (fluxos de materiais) no encadeamento das instâncias geograficamente separadas da produção, distribuição, troca e consumo de um determinado produto, num movimento permanente.” (CASTILLO; FREDERICO, 2010, p. 464).

No entanto, Moraes (2017, p. 27 *apud* DUARTE; NABARRO, 2021) afirma que a análise dos circuitos espaciais produtivos não se resume da “espacialidade da produção-distribuição-troca-consumo como movimento circular constante”, mas igualmente de entender como eles estabelecem seus círculos de cooperação no espaço, que por sua vez podem anteceder e ser condições de início das atividades produtivas. Compreende-se, portanto, que os círculos de cooperação no espaço



tratam da comunicação, consubstanciada na transferência de capitais, ordens, informação (fluxos imateriais), garantindo os níveis de organização necessários para articular lugares e agentes dispersos geograficamente, isto é, unificando, através de comandos centralizados, as diversas etapas, especialmente segmentadas, da produção” (CASTILLO; FREDERICO, 2010, p. 464).

Isso significa que os círculos de cooperação no espaço promovem uma possibilidade de aumento da rede de circulação e consumo do produto, alcançado por informações, transferência de capitais, e colocando em contato diversos agentes e lugares que aumentam a rede de distribuição e consumo do produto (ANTAS JR, 2014).

Mas, como refletir os circuitos espaciais de produção do artesanato Terena e os círculos de cooperação no espaço deste, que fazem com que eles sejam consumidos local e regionalmente e/ou saiam da comunidade para os grandes centros?

### **3. METODOLOGIA**

Para alcançar o objetivo do trabalho e responder as indagações supracitadas, a metodologia adotada foi centrada em levantamento bibliográfico nas bases de dados *Google Acadêmico*, *Scielo*, Periódicos CAPES e Banco de Dissertações e Teses da CAPES com as seguintes palavras-chave: artesanato Terena, espaço, território usado, circuito espacial de produção e círculo de cooperação no espaço, no contexto neocolonial capitalista globalizado.

Também foi realizado levantamento de dados de campo a partir de conversas com 11 artesãs, que foram escolhidas de acordo com o conhecimento local de um dos autores, bem como por se tratar das artesãs que ainda produzem a cerâmica com vistas ao mercado. A partir dos seus relatos foram definidos quais os órgãos e instituições que compunham o círculo de cooperação no espaço da Cerâmica Terena.

Com as informações recebidas, foram criadas as figuras do círculo de cooperação no espaço e do circuito espacial produtivo, e com a técnica analítico-reflexiva foi realizada a concatenação entre a teoria e as informações de campo (empíria), permitindo as análises que podem ser vistas no próximo tópico.

## **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **4.1 A constituição do circuito espacial produtivo e dos círculos de cooperação no espaço das cerâmicas terena**

O artesanato Terena é tido como um artesanato ancestral, mas assim como outras formas de artesanato, ele sofreu ao longo do tempo certas modificações para atender ao modelo hegemônico capitalista, em que o valor de troca ganha dominância sobre o valor de uso nas relações de troca.



Desse modo, o indígena passa também a ser um produtor de mercadorias, para poder assim comprar em outros mercados os produtos destinados à sua subsistência, de modo que o artesanato ancestral tem seu valor de uso rebaixado e suas finalidades culturais de origem obliteradas (ALVES, 2003; CHAVES; ALVES; MATIAS, 2019).

Essa mudança do sentido de valor de uso para o valor de troca demonstra os novos significados dados pela globalização e pela hegemonia do capitalismo que atinge também as práticas ancestrais como o artesanato, contrariando a sua finalidade, onde a cerâmica Terena era feita para uso doméstico como utensílios de cozinha, panelas, copos, entre outros. Com a presença de turistas e visitantes, de acordo com Chaves, Alves e Matias (2019), começaram a ser produzidas peças antropomorfas, como mães amamentando seus filhos, peças de decoração, peças zoomorfas e fitomorfas miniaturizadas. Na Figura 4, podemos verificar algumas peças para uso doméstico, para decoração e animais.

**Figura 4 - Cerâmica Terena.**



Fonte: Autores, 2024.

A produção da cerâmica Terena se inicia com a extração da argila, ou melhor como citado pelas artesãs pelo “barro” (Figura 5), o barro vermelho, o barro escuro e o barro branco, que a partir de suas misturas dão a coloração “correta” do artesanato, bem como na ancestralidade (CHAVES; ALVES; MATIAS, 2019).



**Figura 5 - Matéria-prima da Cerâmica e da pintura Terena.**



Fonte: Autores, 2024.

Na produção da cerâmica existe desde seus primórdios a divisão sexual do trabalho, no qual as mulheres são responsáveis pela extração da matéria-prima, preparo do material, confecção das peças, ou seja, todo o processo de “fabricação” é feito por elas. No entanto, para o transporte da matéria-prima a ajuda dos homens nos dias de hoje é citada. É importante frisar que há famílias que produzem mais e outras que produzem menos, de acordo com a quantidade de mulheres que atuam como artesãs na família, porém, a partir do alargamento dos circuitos espaciais produtivos das cerâmicas, essa produção também se amplia em razão dos círculos de cooperação no espaço em que as mesmas estão inseridas.

Geralmente, a produção das peças se faz sob encomenda dos clientes, principalmente aqueles que são assíduos. No entanto com a promoção e divulgação via redes sociais e internet, esse processo tende a aumentar. A partir do ano de 2004, com a inauguração do Centro Referencial da Cultura Terena (CERECUTE)<sup>1</sup> na entrada da cidade na rodovia BR 262, local mantido pela prefeitura exclusivamente para o artesanato indígena, as peças são dispostas para o público em geral, principalmente turistas.

Nesse processo, pode-se reconhecer a integração de determinados agentes que fazem parte dos círculos de cooperação no espaço da produção das cerâmicas. Dentre eles se destacam, o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), que atua na valorização do artesanato<sup>2</sup> e na difusão da racionalidade do empreendedorismo, trabalhando mais recentemente com as comunidades indígenas a partir da participação da prefeitura de Miranda no programa “Cidade Empreendedora” da

<sup>1</sup>Foi renomeado para Centro Referencial das Culturas dos Povos Originários ‘Kali Sini’ – Óvoku Itúkeovohiko Kopénoti Kali Sini, e na data desta pesquisa o prédio encontra-se em reforma.

<sup>2</sup>A valorização do artesanato está relacionada com o reconhecimento e promoção da sua importância, tanto cultural, econômica, simbólica e social, contribuindo com a continuidade deste tipo de expressão cultural.



instituição; a Secretaria de Turismo e Cultura do município de Miranda, auxiliando com cursos e capacitações; bem como a Fundação de Turismo de Mato Grosso do Sul (FUNDTUR), a partir de consultorias para o desenvolvimento do turismo de base comunitária, entre outras ações.

Além disso, está presente também o Instituto de Pesquisa da Diversidade Intercultural (IPEDI), que é uma entidade civil de direito privado sem fins lucrativos que atua também nesse processo de capacitação da comunidade e cria ponte entre parceiros e a comunidade local. A partir do IPEDI, surge uma *startup* social denominada BRUACA que auxilia na intermediação da comercialização de produtos culturais com o objetivo de gerar renda para a comunidade, e que atua em parceria com universidades localizadas no Mato Grosso do Sul (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS, Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, Instituto Federal do Mato Grosso do Sul - IFMS), *trade*<sup>3</sup> turístico, entre outros.

A Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul (FCMS) também atua, entre outras funções, no cadastramento e auxílio na participação das artesãs em feiras estaduais e nacionais de artesanato, e, a partir da participação na 32ª Feira Nacional de Artesanato, na intermediação da Associação de Produtores de Artesanato e Artistas Populares do Mato Grosso do Sul (Proart) com a empresa Tok&Stok (Figura 6). Empresa esta que comprou a quantia de R\$ 90.000,00 em peças de artesãos de comunidades indígenas do Estado, na qual artesãs da Cachoeirinha atenderam com a venda de 1.650 (mil seiscentas e cinquenta) peças.

**Figura 6** - Cerâmica Terena vendida na loja Tok&Stok.



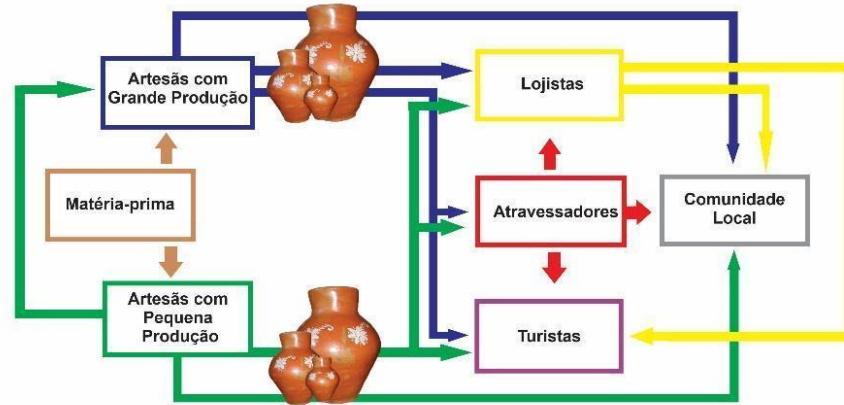
Fonte: Autores, 2024.

<sup>3</sup> Termo utilizado para identificar empresas, formas de comércio ou negociação.



A partir dos dados obtidos, buscou-se criar um quadro que represente o circuito espacial produtivo (Figura 7) da Cerâmica Terena da Aldeia Cachoeirinha do Pantanal de Miranda em Mato Grosso do Sul.

**Figura 7** - Circuito espacial produtivo da cerâmica Terena da TI Cachoeirinha no Pantanal de Miranda-MS.



Fonte: Autores, 2024.

No circuito espacial produtivo, estão as possibilidades de comercialização e os caminhos que levam o artesanato até o consumidor final que podem ser os turistas regionais, estaduais, nacionais e internacionais; bem como a própria comunidade local que se utiliza das peças para decoração, além de quando há grandes pedidos, as artesãs que têm pessoa jurídica atuam em parcerias com outras artesãs.

O circuito espacial produtivo da Cerâmica Terena também se utiliza das técnicas deste tempo da globalização, visto que algumas das ceramistas utilizam a rede mundial de computadores (internet) para fazer sua promoção e venda das peças, principalmente através de plataformas virtuais de redes sociais (Figura 8).

**Figura 8** - Perfil para venda de Cerâmica Terena.

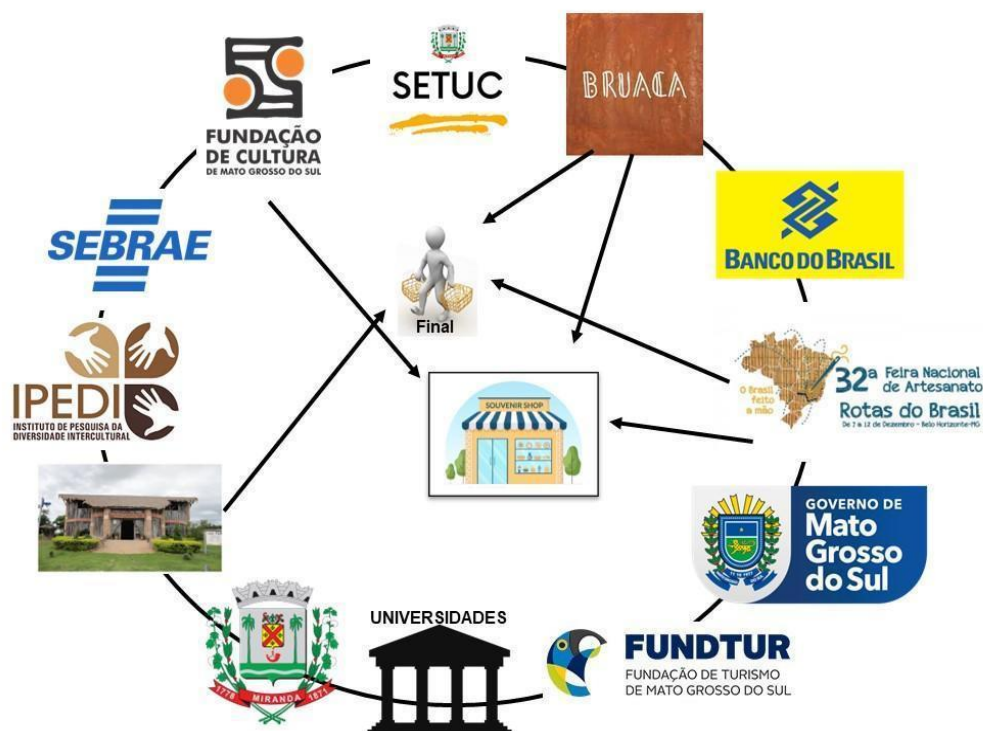


Fonte: Perfil @ceramicasterena. Acesso em 03 de agosto 2024.



Além dos já citados anteriormente, ainda se reconhece outros importantes agentes que integram os círculos de cooperação no espaço (Figura 9) e que intermediam os processos produtivos desse circuito espacial. No caso das mediações financeiras, identifica-se o papel central do Banco do Brasil representando além dele, todos os agentes e funções bancárias (PIX, por exemplo) necessários à comercialização das peças. Identificamos também as universidades (Figura 10), a BRUACA (Figura 11) e o IPEDI, citados anteriormente. Reconhece-se também a importância da Feira Nacional de Artesanato, representando todas as feiras locais, regionais e nacionais. Compõem ainda os círculos de cooperação no espaço agentes do sistema S, representado pelo SEBRAE; as instituições públicas como a Fundação de Cultura de MS e a Secretaria de Turismo e Cultura de Miranda, bem como os respectivos governos Estadual e Municipal, demonstrando o círculo de cooperação no espaço da Cerâmica Terena da Terra Indígena Cachoeirinha no Pantanal de Miranda-MS.

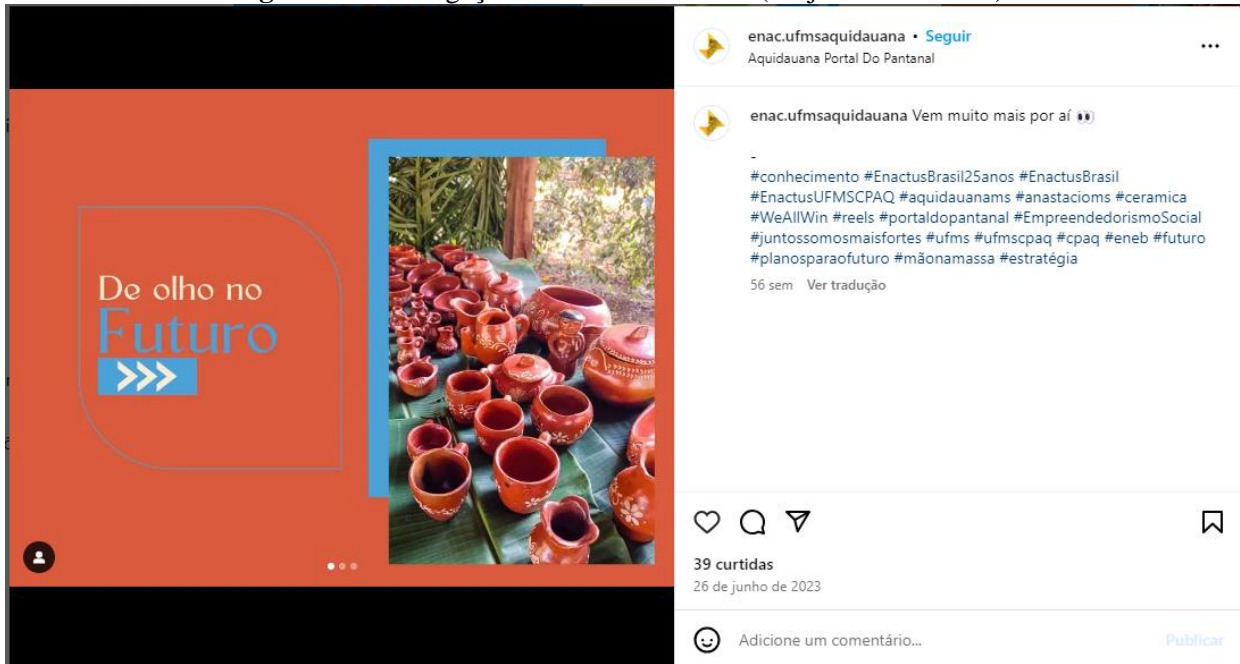
**Figura 9** - Círculos de cooperação no espaço da Cerâmica Terena da Terra Indígena Cachoeirinha no Pantanal de Miranda-MS.



Fonte: Autores, 2024.



**Figura 10 - Divulgação de cerâmica Terena (Projeto ENACTUS).**



Fonte: Perfil @enac.ufmsaquidauana. Acesso em 03 de agosto 2024.

**Figura 11 - Divulgação e comercialização da cerâmica Terena (BRUACA).**



Fonte: Perfil @bruacabr. Acesso em 03 de agosto 2024.

O reconhecimento desses círculos de cooperação no espaço, seus agentes e dispositivos ajudam a demonstrar como a distribuição da cerâmica indígena Terena se amplia e alarga o contexto geográfico desses territórios. Permite-se assim visualizar a rede de parcerias existentes e possibilita a reflexão sobre quais caminhos podem ser seguidos para ampliar a extensão do circuito espacial produtivo das cerâmicas ou além de intensificar e aumentar o contato com os parceiros já feitos.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi refletir sobre a comercialização da cerâmica Terena, como forma de subsistência para as artesãs, e que contribuiu no tempo presente para a manutenção da cultura e, portanto, configura como resistência cultural e de existência do povo Terena.

Assim como Carriero e Filippi (2024) apontam em seu trabalho, infere-se que na Terra Indígena Cachoeirinha é imprescindível dizer que a economia indígena da Cerâmica Terena é vinculada à natureza, ou seja, é extremamente ligada ao seu território e aos povos originários que pertencem a ele. Isso fica ainda mais patente quando se compreende como as atividades indígenas estão ligadas diretamente ao uso da terra (o *Poké'e*), sendo que as mulheres Terena possuem um vínculo ainda mais especial quando da retirada da argila para a confecção das cerâmicas (BALTAZAR *et al.*, 2023). Reafirmando assim, que a produção da Cerâmica Terena não é apenas um produto ou mercadoria, mas um meio de perpetuação do conhecimento ancestral, seus modos de ser e fazer, bem como de seu território (*Poké'exa*) tradicional, coletivo e ancestral (BALTAZAR *et al.*, 2023), que, por sua vez, é essencial para a reprodução desta prática.

Portanto, a recuperação de seu território, também é um fator extremamente relevante para a produção da Cerâmica Terena, pois a produção deste artesanato é feita a partir de matérias-primas encontradas em seu território ancestral, pois a confecção e seus modos de fazer são passados de geração em geração, assim, é necessário que exista além dos locais de retirada da argila, também as matas onde possa ser retirada a lenha (carvão branco) utilizada para a queima desta cerâmica.

É importante frisar que independente das mudanças ocasionadas pela globalização e pelo modelo econômico hegemônico capitalista, outros processos e fatores continuam intactos, como por exemplo, as artesãs entendem que sua arte, sua cerâmica, não é algo pessoal, mas sim a representatividade do povo Terena, reafirmando isso com a não assinatura das peças, ou seja, o artesanato é algo ancestral originário de seu povo, da sua comunidade, não é pessoal de quem confeccionou aquela determinada peça.

Em relação à mercantilização da cerâmica Terena, buscou-se compreender e identificar o circuito espacial produtivo e o círculo de cooperação no espaço nesse território, e quais são os agentes, instituições e processos que ocorrem até que as peças cheguem ao seu consumidor final. Claro, que podem ainda aparecer novos dados ao longo do tempo que poderão fazer parte destes processos e que ainda não são participantes até o momento, visto que este processo é dinâmico, e sofre constantes pressões do meio interno e externo a ele.

Uma das dificuldades encontradas na pesquisa foi identificar a quantidade de artesãs que existem na comunidade, pois existem mulheres que se intitulam como artesãs, mas não produzem a



certo tempo, pois, segundo elas, não conseguem vender sua produção, contudo, podemos notar ao longo do trabalho a existência de um mercado que outras artesãs conseguiram constituir.

Dessa forma, uma das possibilidades de continuidade da pesquisa seria compreender, por exemplo, o porquê que estas artesãs não conseguiram participar deste circuito? Quais as dificuldades que surgem no território que poderiam atrapalhar a entrada de mais artesãs? Quais as fragilidades existentes na relação entre elas?

Por fim, os conceitos de circuito espacial produtivo e de círculo de cooperação no espaço são fundamentais para compreender os processos e agentes inseridos na produção e comercialização da cerâmica Terena, fornecendo subsídios para a melhor compreensão dos usos do território e das relações de trabalho modernamente em construção nas terras indígenas e especificamente na Terra Indígena Cachoeirinha em Miranda-MS.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Gilberto Luiz. **Mato Grosso do Sul: o universal e o singular**. Campo Grande: UNIDERP, 2003.

ANTAS JR, Ricardo Mendes. O complexo industrial da saúde no Brasil: uma abordagem a partir dos conceitos de circuito espacial produtivo e círculos de cooperação no espaço. **GEOgraphia**, Niterói-RJ, v. 16, n. 32, p. 38–67, 2014.

BALTAZAR, Paulo; MONDARDO, Marcos; FIALHO, Celma Francelino. Etnogeografia Terena: terra e território. **ENTRE-LUGAR**, Dourados-MS, v. 14, n. 27, p. 191–207, 2023. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/entre-lugar/article/view/16320/9655>. Acesso em: 13 dez. 2024.

BONFIL BATALLA, Guillermo. El etnodesarrollo: sus premisas jurídicas, políticas y de organización. In: ARAVENA, Francisco Rojas. (Ed). **América Latina: Etnodesarrollo y Etnocidio**. San José: Ediciones Flacso, 1982. p. 133-145.

CASTILLO, Ricardo; FREDERICO, Samuel. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia-MG, v. 22, n. 3, p. 461-474, 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/11336>. Acesso em: 13 jun. 2023.

CARRIERO, Alessandra Prates Barreras; FILIPPI, Eduardo Ernesto. O desenvolvimento amazônico pela perspectiva da governança econômica indígena brasileira: o caso do artesanato Baniwa. In: BELLINTANI, Adriana Iop; FILIPPI, Eduardo Ernesto; GONÇALVES, Veronica Korber. (Org.). **Amazônia: descortinada nas Relações Internacionais**. Boa Vista, RR: Iole, 2024. p. 108-127.

CHAVES, Francelina Albuquerque; ALVES, Gilberto Luiz; MATIAS, Rosemary. A produção da cerâmica terena na aldeia cachoeirinha em Miranda, MS. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, Londrina-PR, v. 20, n. 1, p. 73-80, 2019. Disponível em: <https://revistaensinoeducacao.pgsscogna.com.br/ensino/article/view/6806>. Acesso em: 25 jun. 2023.



DA SILVA, Dionatan Miranda; LEITE, Emerson Figueiredo. Análise da vulnerabilidade das paisagens do município de Miranda, Mato Grosso do Sul, Brasil. **Geoambiente On-line**, Jataí-GO. n. 40. p. 66-88, 2021. Disponível em:

<https://revistas.ufj.edu.br/geoambiente/article/view/67667/36749>. Acesso em: 30 jul. 2023.

DE QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira. Espaço geográfico, território usado e lugar: ensaio sobre o pensamento de Milton Santos. **Para Onde!?**, Porto Alegre-RS, v. 8, n. 2, p. 154-161, 2014.

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/61589/36420>. Acesso em: 10 ago. 2023.

DUARTE, Luciano; NABARRO, Wagner. Círculos financeiros e circuito do petróleo: instrumentos financeiros para investimento em atividades e fornecedores da Petrobras. **GEOUSP**, São Paulo-SP, v. 25, n. 3, e-174581, 2021. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/174581>. Acesso em: 17 jun. 2023.

GODOY, Anelise Flausino. **A cerâmica Terena e sua produção na arte indígena do Mato Grosso do Sul**. Monografia (Graduação em História) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul: Aquidauana-MS, 2001.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/>. Acesso em: 28 ago. 2023.

JORDÃO, Miguel. **Projetos agrícolas, economia indígena e assistência técnica: da assimilação à política de ATER Indígena e participação**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro-RJ, 2014.

LIMA, Marcelo Augusto Gurgel de; IRVING, Marta de Azevedo; OLIVEIRA, Elizabeth. Decodificando Narrativas de Políticas Públicas de Turismo no Brasil: uma leitura crítica sobre o turismo de base comunitária (TBC). **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 16, p. e-2094, 2022. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbtur/a/w8QvVSYBG7DcD7tKqdTnqPx/>. Acesso em: 8 ago. 2023.

MONTEIRO JUNIOR, Irami Rodrigues. **Circuito espacial de produção e o círculo de cooperação do bordado artesanal no município de Timbaúba dos Batistas-RN**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa-PB, 2022.

MORAES, Antonio Carlos Robert. Os circuitos espaciais da produção e os círculos de cooperação no espaço. In: DANTAS, Aldo; ARROYO, Mónica; CATAIA, Márcio (Org.). **Dos circuitos da economia urbana aos circuitos espaciais de produção: um diálogo com a teoria de Milton Santos**. Natal-RN: Sebo Vermelho, 2017. p. 25-52.

MORETTI, Edvaldo Cesar. Turismo, consumo e produção do espaço: o mundo do trabalho no período técnico científico informacional. In: IX Coloquio Internacional de Geocrítica: Los Problemas Del Mundo Actual, Soluciones y Alternativas Desde La Geografía y Las Ciencias Sociales. **Anais [...]**. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

NAKAZATO, Aikel. **Arranjo produtivo local do comércio indígena: uma visão etnodesenvolvimentista da comunidade Terena**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) – Universidade Católica Dom Bosco: Campo Grande, MS, 2011.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo - razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.



\_\_\_\_\_. O retorno do território. **OSAL: Observatorio Social de América Latina**, Buenos Aires, Ano 6, n. 16. p. 251-261, 2005. Disponível em:

<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>

SILVEIRA, Maria Laura. **Ao território usado a palavra: pensando princípios de solidariedade socioespacial**. Saúde, desenvolvimento e território. São Paulo: Aderaldo & Rotschild, 2009.

\_\_\_\_\_. Território usado: dinâmicas de especialização, dinâmicas de diversidade. **Ciência Geográfica**, Bauru-SP, v.15, n. 1, p. 1-12, 2011.

VERDUM, Ricardo. **Etnodesenvolvimento: nova/velha utopia de indigenismo**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília: Brasília-DF, 2009.

ZILIO, Rafael. A geopolítica anticolonial na transescalaridade da luta indígena. **AMBIENTES: Revista de Geografia e Ecologia Política**, Francisco Beltrão-PR, v. 5, n. 2, p. 18-49, 2023. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/ambientes/article/view/31905/22653>. Acesso em: 12 dez. 2024.